

DEPOIMENTO SOBRE O CLIU - LUCIO

Por dois anos consecutivos participei no CLIU como supervisor da FGV-EAESP. Primeiro, Minas Gerais; depois, o Acre. Experiências ricas, bastante diferentes, mas que se entrecruzam. Desde já meu agradecimento às equipes de que participei e à organização do programa, que tornaram possíveis as experiências a seguir.

CLIU I

*“Por ser de lá do sertão, lá do cerrado, lá do interior do mato, da caatinga, do roçado,
Eu quase não saio, quase não tenho amigos. Eu quase que não consigo ficar na cidade sem viver contrariado.
Por ser de lá - na certa por isso mesmo, não gosto de cama mole, não sei comer sem torresmo.
Eu quase não falo, quase não sei de nada. Sou como rês desgarrada nessa multidão boiada caminhando a esmo”*
(GILBERTO GIL, “Lamento Sertanejo” em Refazenda, 1975)

São três horas da madrugada de uma quinta-feira e quatro estudantes de lugares diferentes do país desembarcam na rodoviária de Brasilândia de Minas. Extrema (RO), Curitiba (PR), São Paulo (SP) e Santos (SP). Em vez do carro que nos aguardaria para o deslocamento até nosso destino final, Santa Fé de Minas, apenas a noite. Bem escura. E a calma da ausência.



Telefonamos; ninguém atende. Telefonamos; caixa postal. Telefonamos. Olhamos o mapa. Olhamos à volta. Fotografamos. Damos risadas. O telefone tocou: que surpresa ninguém ter nos esperado às 3h da madrugada na rodoviária! Algumas horas em um dos quartos do hotel diante à rodoviária, compartilhado entre os quatro, e, até às 9h, alguém aparecerá.

Pra que dormir mais do que algumas horas quando se está em Brasilândia de Minas, e por tão pouco tempo? Alguns estão mais cansados, preferem assim; outros dois estão curiosos e resolvem caminhar. Desde o início da manhã a cidade já está acordada; lugares para tomar um café, o comércio, tudo pouco a pouco. Campo de futebol, cachorros, igreja, prefeitura, praça: caso não apareça nossa carona outra vez, precisamos de alternativas. Em uma das casas, há indicação do transporte até Santa Fé. A mulher, com a criança nos braços, chama o homem, para mais informações; ele é quem faz o transporte. Para este trajeto há dias e horários específicos: o normal seria partirmos no dia seguinte, mas seria possível acertar uma viagem extra ainda hoje. Avisem. Na conversa, a curiosidade também vem de quem é de lá: afinal, o que estamos querendo fazer em Santa Fé de Minas? Contamos. Aparece a brincadeira entre os moradores das diferentes cidades da região: nosso destino seria um lugar tão pacato, mas tão pacato, que se conta que as pessoas de lá, quando querem catar manga, sobem na árvore, escolhem uma que esteja madura, descem, e ficam tacando pedra até fazerem o fruto escolhido cair; só para passar mais tempo. Os tempos. Mais tarde, naquele dia, conhecemos nosso destino; um lugar tranquilo e acolhedor, onde, na semana seguinte, as estudantes poderiam participar de festas locais à beira do rio e da festa junina do município, partes da imersão no funcionamento de um programa estadual de combate à pobreza.

Participar do CLIU como supervisor é participar da educação do olhar de jovens pesquisadores e pesquisadoras que acompanhamos; principalmente em relação às situações do cotidiano. Supervisor, aliás, não é um nome muito preciso para o que fazemos; afinal, ninguém tem uma “super visão”, além do alcance dos demais, capaz de ver “o real” que os outros não veem, independente da função, experiência ou tempo de vida. Em vez dessa lógica mais autoritária de tentar fazer os outros verem o mundo como nós o vemos, o CLIU reconhece e parte dos nossos diferentes olhares; nos permite e nos provoca a coloca-los em ação. Mais que isso, nos permite ver juntos: o olhar do outro conversa com o meu, que se junta ao do outro, que discute com o de outro, que passa a fazer parte e compor o meu; sempre em reconstrução.



Participar do CLIU como supervisor talvez seja, então, orientar esse processo, essa oportunidade de modificar o olhar. Sobre o outro, sobre si mesmo, sobre o cotidiano, sobre os tempos. E sobre o Brasil.

CLIU II

“Se oriente, rapaz, pela constelação do Cruzeiro do Sul.

Se oriente, rapaz, pela constatação de que a aranha vive do que tece. Vê se não se esquece.

Pela simples razão de que tudo merece

Consideração”

(GILBERTO GIL, “Oriente” em Expresso 2222, 1972)

Entramos. A casa construída toda em madeira era suspensa sobre o gramado; provavelmente para prevenir das cheias do rio que passa ao lado. Desta vez, além de São Paulo (SP) e Santos (SP), Belo Horizonte (MG). “Tá vendo aquela árvore ali, do outro lado do rio? É boliviana”, nos conta o rapaz daquela comunidade que recentemente passou a trabalhar com a equipe de assistência técnica contratada pela representação regional do INCRA no Acre para atuar naquele assentamento. Apontava para a floresta.

Com o tempo e as conversas, percebemos que outras palavras estão presentes nesse cotidiano: carapanã, tacacá, cupuaçu, rapé, mapinguari, baixaria, tucupi, culina, madihá. Também há outras práticas, como o plantio de macaxeira e a produção artesanal de sua farinha, as vantagens do plantio da melancia ou do mamão para o pequeno produtor local, a fabricação de palmito de pupunha em escala industrial por cooperativa de assentados, a extração da borracha, as castanheiras e o convívio com a floresta. A métrica, em alguns lugares, ainda é por estradas de seringas. As palavras e práticas que estamos mais acostumados a usar quando falamos em governos também estão presentes: programas, leis, direitos, contratos, orçamentos; mas, certamente, nossa compreensão do que significam assentamentos de reforma agrária se expande. Comentamos entre nós essa convicção a cada passo.



As conversas melhoram com o tempo. Na feira de sexta-feira, sacos de tapioca produzida em assentamento. Se fizermos perguntas, o produtor e feirante responderá gentilmente: há quanto tempo produz, quanto vende, se a feira é um lugar interessante para vender seus produtos, se é sua família trabalhando nas poucas barracas vizinhas à sua. Mas conversas não são apenas perguntas e respostas, e então começamos a contar o que estamos fazendo ali, do nosso gosto por tapioca, sobre maneiras de prepara-la. Aproveitamos e compartilhamos outras histórias que ouvimos nos últimos dias. Logo, como que sem perceber, começamos a tecer outras, imprevistas; a luta pela terra no Acre nas décadas de 1970 e 1980, a violência no campo, o tanto que os alqueires de hoje significam conquista.

No CLIU, tecemos histórias por meio das conversas na feira, nos assentamentos, mas também nos deslocamentos. E assim vamos aprendendo nossa experiência. Voltando de assentamentos, à noite e ainda da caminhonete, a faixa em frente ao estádio de futebol local anuncia a Festa Junina. O motorista conta sobre sua organização no município e como os bairros contam com suas próprias quadrilhas; aquele movimento todo era justamente para o povo assistir à competição anual entre elas. Tem até arquibancada, cheias naquela noite de sexta-feira. E as singularidades que havíamos notado nas palavras e práticas que conhecemos durante toda a semana aparecem outra vez, em festa. Desde a organização da competição entre quadrilhas de bairros, até a própria forma de apresentação: sobre um grande tablado, rodeado pelas arquibancadas, com música tocada ao vivo e em tempo acelerado no palco erguido ao fim do tablado, com a presença de jurados responsáveis por avaliar as quadrilhas; as roupas; o cênico.



Mas a oportunidade que o CLIU oferece, para estudantes e supervisores, é mais do que a imersão em diferentes contextos. Coletivamente, vamos conectando e aprendendo pedaços do Brasil: tanto nas equipes que formamos para as pesquisas como nos diálogos que construímos entre as nossas próprias experiências e aquelas que estamos visitando. Logo lembramos de participar de quadrilhas na infância:

nas escolas, as bandeirinhas, o balão; eu não dançava assim; a música está diferente; mas tinha o narrador; olha só, eles estão tomando o caminho da roça; o que será que tem de prendas nas barracas; as comidas; os doces. Lembro que no ano anterior, minha festa junina era no norte de Minas Gerais. No anterior, São Paulo. Em cada lugar, o comum, diferente.

O CLIU permite a descoberta do novo e a redescoberta do comum; experiência preciosa para a formação de jovens pesquisadores.

